

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



PORTUGAL

VOLUME 28, 2007

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PORTUGAL COMO ENIGMA

À memória de Francisco da Cunha Leão

1. Em recente e muito ampla antologia, inspirada num título bem conhecido de Pedro Lain Entralgo* ⁽¹⁾ ², reuniu Pedro Calafate um significativo conjunto de textos em que Portugal é considerado ou visto como *problema*®, como algo que desafia a nossa inteligência, que procura resolvê-lo ou encontrar para ele uma solução, enquanto, há vinte anos, em posição desta contrapolar, António Quadros (1923-1993) o encarou como *mistério*, como realidade transcendente cujo ser se encontraria velado e que poderia, ou não, ser revelado ou desvelado, ao mesmo tempo que procurou surpreender as relações dessa sua natureza misteriosa com a sua razão de ser ou com a sua teleologia⁽³⁾.

Numa posição medial ou intermédia entre estas duas se colocara Francisco da Cunha Leão (1907-1974), quando, há cerca de meio século, numa obra longamente preparada e meditada, estudou ou considerou Portugal como *enigma*, admitindo, assim, haver no seu ser algo que se tornaria necessário decifrar⁽⁴⁾.

Recorde-se, a este propósito, que, pela mesma época em que o ensaísta cujo centenário do nascimento passa este ano deu a público o seu cuidado

* Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa.

⁽¹⁾ *España como Problema*, Madrid, 1949.

⁽²⁾ *Portugal como Problema*, Lisboa, 2006.

⁽³⁾ *Portugal, Razão e Mistério*, Lisboa, 1986 e 1987.

⁽⁴⁾ *O Enigma Português*, Lisboa, 1960. Cf. "O Enigma Português", *Atlântico*, 3ª série, nº 2, 1949.

e informado estudo sobre o *enigma português*, José Marinho (1904-1975), na sua *Teoria do Ser e da Verdade*⁽⁵⁾, e Fernando Gil (1937-2006), na sua juvenil mas já muito valiosa *Aproximação Antropológica*⁽⁶⁾ conferiam também à noção de *enigma*, entendida de modo não inteiramente coincidente, um papel de decisivo relevo na demanda especulativa que um e outro, com diversa profundidade, então empreendiam naquelas suas duas obras.

Enquanto, porém, estes dois últimos autores situavam o enigma no plano ontológico ou onto-antropológico, como, de certo modo, alguns anos antes, o fizera já Augusto Saraiva (1900-1975), ao reconhecer que, no nosso tempo, o homem se tornara enigmático para si mesmo^{5 6 (7)}, o autor da *Ode ao Porto* tinha como enigma cuja decifração empreendia naquele seu ensaio o de fixar, caracteriologicamente, o homem português, a sua diferenciação no quadro ibérico, a fundamentação psicológica da independência nacional, a sobrevivência do Estado português e sua singular história.

Para o ensaísta, se se apresenta como evidente, "a independência portuguesa, a sua presença arraigada em ser e testemunhar-se um corpo, uma fisionomia e uma acção", já quando se procuram as razões disso, "o terreno foge, e a debilidade delas contrasta singularmente com a força e o significado dos factos, e tanto a obscuridade atinge as determinantes de Portugal quanto o substrato filosófico implícito na dinâmica da acção lusíada". Eis o que, para o nosso autor, constituiria, verdadeiramente, o *enigma português*, que, naquele seu ensaio, procurava decifrar. Tal enigma da génese e sobrevivência de Portugal seria, segundo o ensaísta, agravado pelo de "uma alma - conteúdo mental, emocional e actuante - cuja interpretação corrente, cujas aparências e sintomas" se apresentariam "paradoxais, desajustadas ou opostas" à evidente grandeza de um percurso histórico singular, fértil em acções e êxitos"⁽⁸⁾.

2. Nascido na região portuense, poucos dias depois de Delfim Santos (1907-1966), F. Cunha Leão, após haver efectuado os seus estudos secundários no colégio jesuíta de La Guardia, decidiu cursar ciências histórico-filosóficas, não na Faculdade de Letras da capital nortenha, como o fez o futuro

⁽⁵⁾ *Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, 1961.

⁽⁶⁾ *Aproximação Antropológica (Programa para uma Investigação)*, Lisboa, 1961.

⁽⁰⁰⁾ *Reflexões sobre o Homem*, vol. I, Porto, 1946.

⁽⁸⁾ *Oh. cit.*, Apresentação e pp. 97 e 129.

autor de *Conhecimento e Realidade*, e onde teria beneficiado do magistério espiritualista de Leonardo Coimbra, Newton de Macedo e Aarão de Lacerda, mas em Lisboa, em cujo ensino, na segunda metade dos anos 20 da centúria passada, imperava ainda o positivismo historicista que, meio século antes, nele introduzira Teófilo Braga, se bem que a escola sucessora do Curso Superior de Letras contasse então entre os seus professores figuras da envergadura intelectual e científica de Leite de Vasconcelos e M. Oliveira Ramos, mestres que profundamente marcaram o espírito do futuro ensaísta, na sua constante atenção à geografia humana e à antropologia cultural como elementos decisivos para apreender e compreender os traços individualizados da psicologia portuguesa, matéria que viria a constituir o objecto de um seu outro ensaio⁽⁹⁾ que, a vários títulos, prolonga e completa a investigação contida em *O enigma português*.

O autor de *O Anjo e o Homem* soube harmonizar ou sintetizar, criadoramente, o magistério da escola lisbonense em que se formou não só com o melhor da tradição integralista, que marcou a sua juventude, como, ainda, com a lição da *Renascença Portuguesa* portuguesa, para o que muito contribuiu o seu longo convívio com alguns dos mais destacados discípulos de Leonardo Coimbra, em especial Álvaro Ribeiro, José Marinho e Delfim Santos, bem como com figuras deles muito próximas, como Eudoro de Sousa e António José Brandão ou com os mais dotados e intervenientes discípulos daqueles, Afonso Botelho, António Quadros e Orlando Vitorino, com cuja acção cultural activamente colaborou, quer através da editora Guimarães, quer enquanto director do *Diário Popular*, quer, ainda, participando em diversas iniciativas culturais que promoveram ou nos jornais e revistas que foram os sucessivos órgãos do chamado movimento da "filosofia portuguesa" (*Acto, 57, Espiral*).

3. Foi aquela superadora e harmónica síntese que o espírito do ensaísta logrou realizar destas várias tradições culturais, que de contrapares ou contrapostas se vieram a revelar como complementares, que lhe permitiu evitar os unilateralismos redutores, os apriorismos ou a superficial adopção de qualquer forânea tese sobre as causas da independência ou sobrevivência dos Estados.

⁽⁹⁾ *Ensaio de Psicologia Portuguesa*, Lisboa, 1971.

É isso que o leva, depois de demorada e serena análise das várias propostas explicativas avançadas pelos mais diversos investigadores, a considerar carecidas de fundamento bastante as razões de ordem geográfica, antropológica, política, económica ou de circunstancialismo histórico, as quais, em seu entender, por si sós, seriam insuficientes para consolidar e garantir uma autonomia política plurissecular e irradiante, cuja razão de ser só numa radical diferenciação psicológica do homem português face ao castelhano poderia encontrar-se⁽¹⁰⁾.

4. Para procurar prová-lo, partia F. Cunha Leão de um conjunto de teses, que se afigura poderem sintetizar-se do seguinte modo:

- a) A população portuguesa tende para a homogeneidade, pelo convívio intenso que manteve dentro de umas fronteiras estáveis há oito séculos;
- b) O português é uma síntese de lusitano e galaico, é um luso-galego, que só metaforicamente pode considerar-se lusitano;
- c) Do elemento galaico provém a idealidade sonhadora, a contextura sentimental branda, embora rica em tonalidades e teimosia surda, o fundo instável de inquietação, a visão sonhadora do mundo, o *pathos* da alma portuguesa, ao passo que são principalmente lusitanos o espírito realista, de organização jurídica e independência pessoal, o talento político e a afirmação intrépida;
- d) Os sentimentos dominantes do português tidos aparentemente ou comumente como negativos ou até mesmo por suicidas escondem carácter contraditório, pois, se assim não fora, a História de Portugal apresentar-se-ia como absurda, inexplicável ou mesmo impossível;
- e) A saudade, elemento fulcral da nossa sensibilidade, que impregna toda a vida religiosa, sentimental e activa dos portugueses, não é unicamente retrospectiva, mas encerra um conteúdo de indeterminação e sentido futurante, pleno de impulso dinamo-génico, por força do que insere de subconsciente e esperançoso apego à vida;
- f) A forma de resistência portuguesa à adversidade é o Sebastianismo, substantivamente diversa da espanhola, o Senequismo;

⁽¹⁰⁾O *Enigma Português*, pp. 95-126.

- g) A Historia portuguesa é urna Historia do Sentimento aproveitado e temperado pela Reflexão, cujos momentos mais densos, eficazes e significativos constituem ou são expressão de uma aventura consciente, de uma paixão corrigida ou vigiada pela razão;
- h) O curso histórico, designadamente os descobrimentos e a expansão, além de individualizar Portugal no quadro do mundo moderno, influiu na psique portuguesa num sentido activista, apurando-lhe as aptidões de adaptação e enriquecendo-a com experiência, exotismo, calor e claridade, nisto a distanciando da galega;
- i) No âmbito ibérico, a vincada oposição psicológica de portugueses e castelhanos tem sido a primeira razão e a principal garantia instintiva da independência nacional⁰⁰.

5. Será o reconhecimento desta profunda diferença, quando não oposição psicológica, que levará o ensaísta a apresentar a sua interpretação dos traços individualizadores ou dos dados imediatos da psicologia dos portugueses por confronto ou contraposição à dos castelhanos.

Assim, da sua atenta e muito documentada análise da psicologia portuguesa decorreria ser ela caracterizada ou definida por:

- a) Uma religiosidade mediata, através da natureza e da saudade, e pelo amor às criaturas, de recorte ou afinidade franciscana;
- b) O homem como estado de alma, marcado pela tendência para o sonho, por certa desigualdade temperamental, que oscila entre a ledícia e a dor de viver;
- c) Sensibilidade à natureza, vista animadamente, e ao mistério, numa atitude de naturalismo transcendente e saudosista;
- d) Vida-afirmação pelo sentimento e assimilação humana, gosto da aventura, espírito de missão;
- e) Amor-adoração, supervivência amorosa; carácter absorvente, complexo; insegurança, queixa, transcendência;
- f) Ironia sentimental, agudeza ao ridículo, realismo emotivo e crítico;
- g) Solidariedade pela comunhão dos afectos e transmissão do sangue e gregarismo pela saudade;

TMOb. cit., pp. 129-134.

- h) Resistência à adversidade pela esperança e crença nos imponderáveis (Sebastianismo); desespero confinadamente individual;
- i) Sentido das cambiantes e das sombras, hesitação alternada com o ímpeto e o heroísmo das execuções supremas, em geral ponderadas e amadurecidas;
- j) Interesse pelo exótico;
- 1) Teimosia surda, *aquosa* e plasticidade⁽¹²⁾.

6. Em contrapartida, o castelhano, na visão de Cunha Leão, fundada em amplo conhecimento da bibliografia sobre o tema, bem como em grande familiaridade com a cultura espanhola, caracterizar-se-ia, psicologicamente, por:

- a) Uma religiosidade imediata, por uma relação directa do homem com Deus, na mística, excluindo qualquer termo médio ou mediação, e por firmeza da crença, inseparável da expressão prática;
- b) Homem como agente do ideal, primazia da acção, militantismo;
- c) Indiferença à natureza cósmica, natureza como palco da história, realismo antropológico;
- d) Vida como afirmação e luta, valorização do pessoal, dramatismo, código de honra, morte como acesso à glória;
- e) Extremação entre o amor e a sexualidade; amor natural, sem intrinsecamento;
- f) Ironia cortante, ácida; apreensão realista do tipo humano; picaresca; ludismo verbal;
- g) Solidariedade contra as intervenções alheias; orgulho e hermetismo nacional;
- h) Reacção perante a adversidade pelo refúgio no foro individual, isento de derrota; "soledade"; senequismo; alternância com o desespero colectivo expresso em luta e aniquilamento iconoclasta;
- i) Tendência para o categórico, para a nitidez dos contrastes e para o menosprezo dos valores intermediários; firmeza das opiniões, pouco permeáveis à dúvida;
- j) Desinteresse pelo mundo;
- 1) Teimosia aberta e obstinada, desapego das comodidades, inteireza⁽¹³⁾.

MOB.cit., p. 161.

⁽¹²⁾*Idem*, p. 160.

7. Procurando desenvolver e explicitar o quadro de características que, em seu entender, definiam, psicologicamente, o português, o ensaísta notava que, na sua religiosidade, o amor da natureza e o amor de Deus se apresentam intimamente associados, ao mesmo tempo que é nele muito funda a angústia pela degradação humana, pelo paraíso perdido, que a saudade exemplarmente ilustraria e à qual se alia uma aguda sensibilidade face ao mal, que tem dificuldade em conciliar com a bondade divina. Aqui radicaria, para o autor de *O Naufrágio de Goa*, a predisposição do português para admitir milagres e outros sinais complementares da Revelação, que o muito antigo culto popular do Espírito Santo exemplarmente ilustraria.

A funda relação que, no português, se estabeleceria entre o amor da natureza e o amor de Deus explicaria também o peso do franciscanismo na religião dos portugueses e o lugar que a devoção a Santo António nela ocupa⁽¹⁴⁾.

A religiosidade portuguesa seria ainda definida pelo intenso culto mariano e pelas almas do Purgatório, pela fácil aceitação da santidade, pela ausência de heresias ou cismas religiosos e diminuta importância de movimentos heterodoxos, características que não deixavam de coexistir com outras delas de algum modo contrapolares ou antinómicas, como uma acentuada moderação da fé religiosa, um catolicismo tolerante, que coexiste facilmente com certa religiosidade pagã ou com a superstição, um reduzido número de Santos, a pompa de procissões e romarias ou um marcado anti-clericalismo⁽¹⁵⁾.

8. Quanto ao segundo traço definidor da psicologia portuguesa, que denominou "homem como estado de alma", notava F. Cunha Leão significar que o português mede as coisas sentimentalmente, podendo dizer-se que, para ele, o cartesiano *penso, logo existo* se volveria em *sinto, logo existo* ou, mais sinteticamente, *amo, existo*.

A esta característica de portugueses e galegos anda associada uma certa dor de viver, que faz que a *coita* chegue a ser amada ou saboreada, a ponto de se tomar necessária, como limiar do sonho, podendo dizer-se mesmo que "anda sempre no subsolo das nossas alegrias". Por outro lado,

⁽¹⁴⁾ *O Enigma*, pp. 162-168.

TM *Ensaio*, pp. 24-25 e 67-78.

esta sujeição ao estado de alma traduz-se ou exprime-se em desigualdade do temperamento, em que a alegria e a dor amiúde surgem ligadas e em que também a brandura convive com a violência. Daí, igualmente, que, segundo o ensaísta, amor e morte se apresentem, na mundividência portuguesa, como os dois termos de uma alternativa que exclui qualquer termo médio. Fora do amor, visto e vivido com uma carga de idealidade, que o torna algo de sagrado, não há outra dignidade senão a da morte, compreendida como cumprimento ou plenificação de uma existência cujos polos extremos e complementares são o amor e o heroísmo, mas um heroísmo sentimental, nostálgico, sonhador.

Este temperamento suave, comovível do português, que o abre à compreensão do outro, ao universalismo e à tolerância, não deixa de descambar, com frequência, para um certo "amolecimento moral", para uma condescendência para com os abusos, desde a corrupção à generalização do empenho, que faz da "cunha" uma verdadeira instituição nacional.

No português, contudo, esta brandura, o carácter amoroso, a generosidade humana, a tolerância, transmuda-se, por vezes, em violência e até em crueldade⁽¹⁶⁾.

9. No que respeita à atitude do português perante a natureza, notava F. Cunha Leão ser esta entendida por ele animadamente, a ponto de ver nos montes, nas nascentes, nos rios algo dotado de alma, cujas entranhas escondem prodigiosos tesouros ou segredos imprescindíveis, sentido cósmico da natureza que impregna tanto o movimento priscilianista, longamente presente no inconsciente colectivo luso-galaico, como a poesia de Camões, Pondal e Pascoaes, apresentando com frequência uma coloração saudosista e transcendente, que pode levar à espiritualização da matéria e à materialização do espírito, o que denunciaria, segundo o nosso ensaísta, "a comunhão estreita, a confusão do homem na natureza", um naturalismo transcendente e saudosista⁽¹⁷⁾ ou aquele "transcendentalismo panteísta" de que falou Pessoa a propósito dos poetas de *A Águia*⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁶⁾O *Enigma*, pp. 169-172 e *Ensaio*, pp. 97-104.

⁽¹⁷⁾O *Enigma*, pp. 173-178.

⁽¹⁸⁾// *A Moderna Poesia Portuguesa*, *A Águia*, 1912.

10. Relativamente ao modo de compreender, vivencialmente, a vida, esta apresenta-se, acima de tudo, como afirmação pelo sentimento e assimilação humana, pois o português se considera falhado ou fracassado quando, possuído pelo espírito de missão, não logra exceder-se em algo de nobre e universal, procedendo, porém, de modo indirecto, dominado pelo sentimento, através de um processo de simbiose espiritual, acompanhado, seguido ou completado com a assimilação *física* das terras e das gentes e movido, as mais das vezes, pelo gosto da aventura, da devassa de novos mundos⁽¹⁹⁾.

O modo português de viver o amor, para o ensaísta, seria marcado, desde logo, por uma fluida fronteira entre amor e sexualidade, que faz coexistir a idealidade do amor das cantigas de amor e de amigo com o desmando carnal das cantigas de escárnio e maldizer e elevou um enlace amoroso à margem do casamento - o do rei D. Pedro com a galega Inês de Castro - à dignidade de grande mito nacional, o da supervivência do amor, do fatalismo passional que transcende a própria morte e em que o amor adquire vida.

Por outro lado, o amor português teria feição tão absorvente e monopolizadora que até aquele que é correspondido vive no permanente receio de perdê-lo, numa antecipada nostalgia das situações passadas que deseja reviver, que alimenta a mágoa do amor, as queixas do amado, a saudade* ⁽²⁰⁾.

A força absorvente do sentimento que, na visão do ensaísta, define e caracteriza o português, projecta-se, igualmente, na sua ironia, ela própria de fundo sentimental e impregnada de ingredientes emotivos, o que faz não só que seja usada como libertação de estados emocionais, do desgosto de nós próprios e da melancolia, que ironizemos os nossos defeitos e fracassos, a tristeza e o medo que sentimos, que disfarçemos com ironia as nossas virtudes e mais secretos desejos, como que, muitas vezes, entre nós, a ironia e a queixa apareçam estreitamente associadas, pois a extrema sensibilidade não deixa de se reflectir num agudo sentido do ridículo próprio e alheio e num invulgar poder de captação do cómico, que faz do nosso riso um riso apaixonado, marcado pela parcialidade do coração⁽²¹⁾.

<¹⁹>0 *Enigma*, pp. 179-180.

(²⁰>O *Enigma*, pp. 181-185 e *Ensaio*, pp. 105-117.

(²¹>0 *Enigma*, pp. 186-190.

11.0 modo português de resistir à adversidade apoia-se, fundamentalmente, na esperança, cujos componentes essenciais seriam, na visão do ensaísta, um "providencialismo de percepção sentimental", que se exprime na crença nos imponderáveis que presidem ao processo histórico, numa paralela muito aguda percepção da caducidade e mudança das coisas, a qual, agora ou mais tarde, deparará oportunidades àquele que saiba esperá-las sem se comprometer irremediavelmente, num apego à vida, que a vivência saudosa confirma e acentua e lhe permite criar o seu futuro.

Seria este misto de saudade e de esperança ou esta saudade projectiva e esperançada, que o Sebastianismo exemplarmente encarna, que constituiria a forma típica do português resistir e reagir, colectivamente, quando a sorte lhe é adversa, como seria, igualmente, o sentimento saudoso o principal elemento de coesão social da comunidade portuguesa, uma comunhão de afectos que garantiria a ligação a Portugal dos que foram forçados a emigrar para outras e distantes terras, comunhão afectiva que, igualmente, levou o português a assimilar pelo espírito e pelo sangue miscigenado outros povos no Oriente, no Brasil ou em África⁽²²⁾.

12. A invulgar sensibilidade ao mistério e ao numinoso, a personalidade introvertida que caracteriza os galego-portugueses, bem como um espírito propenso à divagação explicaria, para F. Cunha Leão, o sentido das cambiantes e das sombras que nos caracterizaria, a tendência para divagar pelas zonas da subconsciência, pelos estados psicológicos intermédios ou de transição.

Aqui radicaria também o carácter algo dubitativo do nosso espírito, apesar do profundo sentimento religioso e do carácter esperançoso da saudade portuguesa.

Se, como notava o ensaísta, "as adversativas nos restringem, constantemente, as certezas", nem por isso, uma vez tomada a decisão, mais por amadurecido impulso sentimental ou intuitivo do que em resultado de fria racionalidade discursiva, logo se lhe segue a execução, por vezes até com grave dureza ou ousada feição heroica.

Apesar de o carácter evitar ao português os compromissos rígidos ou precipitados ou as situações irremediáveis, algumas vezes, com obstinada

⁽²²⁾0 *Enigma*, pp. 192-197 e *Ensaio*, pp. 118-126.

e violenta determinação, explode em cega raiva emocional, nem sempre isenta de crueldade.

Seria neste sentido dos cambiantes que se filiaria a plasticidade dos luso-galegos, a sua capacidade de adaptação aos mais diversos meios, a feição surda, dissimulada, não ostensiva, da sua forma pertinaz e *aquosa* de teimosia.

Esta capacidade de adaptação a outros e estranhos meios andaria associada, na gente portuguesa, a um certo gosto ou interesse pelo exótico, a uma amorosa curiosidade pelo novo e pelo diferente, que explicaria tanto a história da nossa expansão como a facilidade dos nossos emigrantes em integrar-se noutras terras e em se adaptarem a outros costumes, sem, todavia, renunciarem aos seus próprios⁽²³⁾.

13. Deste inventário dos dados imediatos da psicologia dos portugueses ressaltaria, segundo F. Cunha Leão, que a característica primordial da sua sensibilidade era a saudade, a qual seria também algo imprescindível para lograr uma adequada compreensão da nossa vida colectiva e do próprio sentido do transcurso histórico da nação portuguesa.

Daí que tenha procurado reflectir sobre ela, a partir das conclusões propostas pelas diversas correntes especulativas que, tanto em Portugal como na Galiza, vinham tentando definir os elementos da consciência saudosa e perscrutar a sua dimensão e sentido metafísicos⁽²⁴⁾.

Na análise do sentimento saudoso distinguia o nosso ensaísta e notável escritor o que designava por *fundamentos da saudade* e o que considerava o *processo saudosista*.

Os primeiros, segundo ele, seriam, essencialmente, dois: o apego à vida e à natureza envolvente e o sentimento da íntima singularidade.

O primeiro destes fundamentos da saudade traduzir-se-ia na propensão amorosa do português, que já D. Francisco Manuel de Melo assinalara, e no fundo sentimento da natureza, que o levava a viver em diálogo íntimo e constante com a natureza, numa comunhão entre os seus estados de alma e as coisas, que tende a personalizá-las ou a dotá-las de alma.

⁽²³⁾0 *Enigma*, pp. 198-203

⁽²⁴⁾Ver, sobre este ponto, A. Braz Teixeira, *A Filosofia da Saudade*, Lisboa, 2006.

Por seu turno, o sentimento da íntima singularidade, muito vivo nos galego-portugueses, manifestar-se-ia numa apreensão aguda e vagamente dolorosa da intimidade distinta do eu, que toma dolorosamente evidente o nosso irredutível isolamento ou desajustamento relativamente ao mundo e aos outros.

Quanto ao processo saudosista, sequência psicológica complexa, feita de fluxo e refluxo de contrários, entre futuro e passado, indeterminado e determinado, compreenderia cinco instâncias ou cinco momentos.

Assim, o primeiro caracterizar-se-ia pelo sentido do além, por uma capacidade sonhadora que se projecta em expectativa ou expectativa de futuro, simultaneamente angustiada e esperançosa, predominando nele o futuro e a indeterminação.

Segue-se-lhe, no processo saudosista, um desejo ou tendência para a concretização, em que o futuro, antes vago e indeterminado, adquire determinação e, de certa forma, se torna concreto.

A este momento projectivo sucede-se, porém, o desengano decorrente da consciência da mudança, de que o que foi já não é nem voltará a ser como foi, de tempo irremediavelmente passado ou perdido, de uma ausência, no tempo ou no espaço, de pessoas, de lugares, situações, afectos, e em que o passado, embora de algum modo indeterminado ou difuso, se torna dominante.

O estágio psicológico seguinte é definido por um certo comprazimento na lembrança, por sobrevivência do vivido na memória afectiva, que o presentifica e lhe confere determinação.

Para o pensador, o processo saudosista, concluir-se-ia por um desejo de reviver o passado, de retornar ao já vivido, unindo, assim, a um tempo, de forma determinada, passado e futuro, desejo que tanto pode conduzir, negativamente, ao dolorido aniquilamento saudosista, sem esperança de nenhum futuro regresso, como, pelo contrário, lograr a ultrapassagem da lembrança, numa acção ou sublimação saudosista ou saudosa, que funde em si, superadoramente, a lembrança e a esperança, a indeterminação e a concretização⁽²⁵⁾.

⁽²⁵⁾0 *Enigma*, pp. 221-254.

14. Introvertido e emotivo, mas de uma emotividade claramente secundária, contenso e dubitativo, tolerante e curioso com o mundo, ansioso e inquieto, dotado de grande plasticidade de carácter, introvertido que se extroverte por amor, sentimental e apaixonado, o português tem no sentimento saudoso o traço mais singularmente individualizador do seu carácter, que, contudo, com diferentes matizes, compartilha com o galego, o brasileiro e o cabo-verdiano, não deixando também, segundo Cunha Leão, de ter como outro grande traço caracterizador da sua psicologia aquilo que o ensaísta denominava "génio de harmonizar opostos, em especial da terra e do homem, concreta e carnalmente"⁽²⁶⁾.

Ao lado deles, outro elemento decisivo seria ainda o que o hermeneuta da psique e da história portuguesa designou como "hipertrofia mítica", englobando aqui a "valorização de factores espirituais e transcendentais, a crença nos imponderáveis da aventura, a autoconfiança gregária, posta em complexo de superioridade, como povo eleito", espécie de "*super-ego colectivo*", de "armadura psicológica" que serviu aos portugueses, ao longo da história, de apoio para enfrentar a sua pequenez e se exprimiu, desde Ourique até ao omnipresente Sebastianismo, na crença no apoio divino, na "aceitação fácil de prodígios e vaticínios favoráveis, integrados num conceito de progressão moral unificadora da história", na consideração de certas figuras (Nun'Álvares, o Infante ou D. João de Castro) como seres predestinados para realizar a missão transcendente de Portugal no mundo, sentimento que, não poucas vezes, em períodos de abatimento nacional, de depressão colectiva, de hipertrofiada e unilateral consciência do relativo atraso científico e técnico do país face ao estrangeiro ou a uma mitificada Europa do "progresso", se transmutou ou alternou com um contrapolar "complexo de inferioridade"⁽²⁷⁾.

Era nestes traços fundamentais da psicologia portuguesa - o sentimento saudoso, o génio de harmonizar opostos e uma acentuada presença de elementos míticos - que o ensaísta apoiava ou baseava a interpretação que propunha do devir histórico do povo português, não sem reconhecer, preliminarmente, que a psique portuguesa evoluiu ao longo do tempo, dotando o seu fundo sentimental de um sentido activista, que, diversamente do que ocorreu na Galiza, tornou indissociáveis saudade e acção

TM *Ensaio*, pp. 186-227.

⁽²⁷⁾ *Ensaio*, pp. 174-185.

e evidenciou a face futurante do sentimento saudoso, motor daquela mesma acção que ele apetece idealmente e que acentuou a plasticidade do seu carácter, a aptidão compreensiva do outro e do diferente, a capacidade, mais intuitiva do que intelectual, de superar as dificuldades e de se adaptar a novas terras e novas gentes decorrente de uma natural tolerância e simpatia humana⁽²⁸⁾.

Pensava F. Cunha Leão, e este era o ponto decisivo da sua visão interpretativa da história portuguesa, que ela teria como factor propulsivo fundamental o sentimento e seria "trabalhada por fermentos lendários e míticos, animada por espírito de missão vivido apaixonadamente, sustida em valores pessoais cercados de verdadeira auréola". Essa a razão pela qual, sempre que isso faltou, o curso histórico da nação portuguesa se tornou "morno", o heroísmo se tornou marialva ou se degradou em "fadistice", a religião decaiu em beatice, a alma perdeu-se, plangente, numa vida ociosa, ao mesmo tempo que "a governação, apenas tolerada, caiu nos botequins onde fervilha a dupla descarga dos profetas que lhe agouiram má morte e da chalaça com trocadilhos e anedotas".

Na história portuguesa, dominada pelo sentimento, este surge temperado pela reflexão, amadurecido por via de ponderações de natureza intuitiva ou empírica, beneficiando com o que poderíamos designar por "contrapesos do subconsciente", que agem como elementos que, de algum modo, lhe corrigem ou limitam a cegueira e a violência e retardam a sua erupção. É que, como nota o ensaísta, o português tem necessidade de sentir a evidência, que lhe fornece o sentido da oportunidade, sendo só quando a sente que age, jogando-se, então, todo na acção⁽²⁹⁾.

Daí também que, como sustenta, o sentido do seu percurso histórico só possa ser adequadamente compreendido se não deixar de atender a estes elementos de carácter antropológico que definem a psique portuguesa.

15. Terá sido, segundo F. Cunha Leão, a sua marcada individualidade que levou Portugal a separar-se ou autonomizar-se do Reino de Leão, logo que teve condições político-sociais para tal, tendo a afirmação da sua independência sido consolidada pelo crescente caminhar do Reino leonés no sentido continental e castelhanizante, levando a que a oposição

⁽²⁸⁾*Enigma*, pp. 287-292.

⁽²⁹⁾*Idem*, pp. 256-258.

psicológica entre portugueses e castelhanos, que em nada contribuíra para a independência portuguesa, começasse a mostrar-se decisiva na salvaguarda dessa mesma independência.

A pequena base territorial, os minguados recursos de riqueza e população, a ameaça de um vizinho muito mais poderoso, conduziram o jovem reino a optar pelo Sul, escolhendo o difícil e o desconhecido e definindo o rumo do seu devir histórico, iluminado, desde a raiz, pelo "milagre de Ourique", que marcou o carácter sobrenatural e providencial da sua missão, tendo a imaginação criado, ao lado deste sinal divino, um "facto obscuro, mas fecundo, de ordem terrena, as Cortes de Lamego, em relação às quais tudo se passou como se tivessem existido"⁽³⁰⁾.

Factores fundamentais na criação das condições para o seu futuro cumprimento teriam sido, segundo o ensaísta, a paz de Tui, o abandono do senhorio de Astorga, a vassalagem directa à Santa Sé, o desastre de Badajoz (que teria conduzido ao abandono da pretensão continentalizante de integração da parte Leste da Lusitânia), a criação da Ordem de Cristo, nela integrando os bens dos Templários ou a vitória em Aljubarrota, que, directa ou indirectamente, possibilitaram a precedência portuguesa no domínio dos mares e a expansão ultramarina.

A este propósito, recordava o atento e sério ensaísta que, para além das possíveis e controvertidas causas ideais e utilitárias dos Descobrimentos e da expansão, não se pode deixar de considerar também uma outra, de natureza antropológica, "a cobiça do longe, o gosto do exótico, a sedução do mar, o heroísmo por ideais", a que se deveria a perfeita conjugação de teoria e prática, de pensamento e acção, de dirigentes e povo, durante um século, revelando tópicos essenciais: "aventura de acordo com a nossa natureza: reflexão e ciência na aventura; chefes por selecção dos factos; supremacia do ideal colectivo coincidindo com o dos naturais dirigentes"⁽³¹⁾.

Ao crescer no tempo e no espaço, Portugal terá acentuado os traços fundamentais da sua fisionomia psicológica, enquadrando espontaneamente a sua ruralidade estrutural, na qual os homens da terra, atraídos ou seduzidos pelo mar, em poucas gerações, se tornaram marinheiros, mas, apegados à terra, "que vão, vêm e constroem por saudade,

^m*Idem*, pp. 259-260.

⁽³¹⁾*Idem*, pp. 260-266.

nunca deixando o lugar *de onde* nem o lugar *para onde*", criando, assim, fortes laços afectivos entre a terra pátria e a colónia longínqua, uma singular coesão afectiva entre ambas. Esta tendência natural foi reforçada pela política oficial, que incentivava a integração das populações nativas, as uniões dos soldados e colonos com jovens locais, a protecção dos mestiços, a não-discriminação social, o ingresso dos nativos e mestiços no clero e nas dignidades eclesiásticas, o acesso dos naturais da terra aos quadros administrativos e, por influência do cristianismo e do franciscanismo, a adopção de formas sociais de marcada fraternidade humana, de que a difusão das Misericórdias por todos os territórios ultramarinos é eloquente exemplo⁽³²⁾.

Perante a perda da independência, em 1580, a crença sebastianista, recusando-se a aceitar a realidade da morte do Rei nos areais marroquinos, alimentou, surdamente, a resistência ao domínio espanhol, vindo a triunfar 60 anos depois e aflorando, de forma mais ou menos difusa, nos momentos de maior abatimento nacional, e alimentando, criadoramente, alguns dos maiores escritores portugueses, de Camões a Vieira e Pessoa.

Transcorrido quase meio século sobre a publicação de *O Enigma Português* e quando se cumprem cem anos sobre o nascimento do seu autor, afigurou-se-me oportuno recordar a sua lição generosa, séria e muito informada, como convite a uma renovada e serena reflexão sobre o carácter português, que não deixe de considerar em que medida a história portuguesa das últimas três décadas, em que Portugal refluíu à sua inicial dimensão europeia e ibérica, alterou o perfil psicológico das suas gentes e se o retrato que delas traçou Francisco da Cunha Leão, nas suas duas obras, conserva a actualidade que apresentava na data da sua publicação, a ponto de nele nos reconhecermos ainda.

widem, pp. 268-273.